

Juan Gelman

1930-2014

Poeta e jornalista argentino, Prémio Cervantes 2007. O escritor equatoriano Jorge Enrique Adoum qualificou-o como "o maior poeta vivo de língua espanhola".

Primeiros anos

Nasceu em Buenos Aires, num bairro de forte identidade judia. Foi o terceiro filho (o único nascido na Argentina) de um casamento de imigrantes judeus ucranianos. Aprendeu a ler aos 3 anos e passou a infância andando de bicicleta, jogando futebol e lendo. Desde criança é simpatizante do Atlanta, o clube de futebol do bairro. Anos depois dariam o seu nome à biblioteca do clube, algo que considera «a maior homenagem de sua vida». Começou a escrever poemas de amor quando tinha oito anos e publicou o primeiro aos onze (1941) na revista *Rojo y Negro*.

Realizou os estudos secundários no Colégio Nacional Buenos Aires. Aos quinze anos ingressou na Federação Juvenil Comunista. Em 1948 começou a estudar Química na Universidade de Buenos Aires mas abandonou pouco depois para se dedicar plenamente à poesia.

O grupo "El pan duro" e a nova poesia

Em 1955, foi um dos fundadores do grupo de poetas *El pan duro*, integrado por jovens militantes comunistas que propunham uma poesia comprometida e popular e actuavam cooperativamente para publicar e difundir os seus trabalhos.

Actividade como jornalista

Em 1966, começou a trabalhar como jornalista. Ocupou os cargos de chefe de redacção da revista *Panorama* (1969), secretário de redacção e director do suplemento cultural do diário *La Opinión* (1971-1973), secretário de redacção da revista *Crisis* (1973-1974) e chefe de redacção do diário *Noticias* (1974).

Militância política

Em 1967, durante a ditadura militar (1966-1973), integrou a organização guerrilheira FAR, de orientação peronista-guevarista. Em finais de 1973 passou a integrar a organização Montoneros

Exílio

Em 1975, a organização Montoneros enviou-o para o exterior para fazer relações públicas e denunciar internacionalmente a violação dos direitos humanos na Argentina, durante o governo de Isabel Perón (1974-1976). Encontrava-se a cumprir essa missão quando se produziu o golpe de estado de 24 de Março de 1976 que iniciou a ditadura militar (1976-1983) e impôs um regime de terrorismo de estado responsável pelo desaparecimento de 30.000 pessoas. Exceptuando uma breve entrada clandestina na Argentina em 1976, Gelman permaneceu exilado no estrangeiro, residindo alternativamente em Roma, Madrid, Manágua, Paris, Nova Iorque e México e trabalhando como tradutor da UNESCO.

O trabalho de Gelman conseguiu a primeira declaração de repúdio à ditadura argentina, assinado por vários chefes de governo e da oposição europeus, entre eles François Mitterrand e Olof Palme, publicado em 1976 no diário *Le Monde*. Em 1977 aderiu ao recém-criado Movimento Peronista Montonero, embora já com graves divergências em relação à sua conduta.

Em 1979 decidiu abandonar o Montoneros pelo seu desacordo com o verticalismo militarista do movimento e pelas negociações que havia encetado em França com o almirante Emilio Massera. Gelman expôs os seus argumentos num artigo publicado no *Le Monde* em Fevereiro de 1979. O movimento Montoneros acusou-o de traição e condenou-o à morte.

Quando, em Dezembro de 1983, Raúl Alfonsín assumiu chefia do governo democrático, pendia sobre Gelman um mandado de busca e de captura por diversos delitos imputados a Montoneros, que o impedia de regressar ao seu país. Esta situação ocasionou protestos de escritores de todo o mundo, entre eles Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos, Juan Carlos Onetti, Alberto Moravia, Mario Vargas Llosa, Eduardo Galeano, Octavio Paz, etc. No início de 1988, a justiça declarou sem efeito a ordem de captura e Gelman voltou ao país após treze anos de ausência, embora decidisse, finalmente, radicar-se no México.

Em Outubro de 1989 foi indultado pelo presidente Carlos Menem, com outros 64 ex-membros de organizações guerrilheiras. Juan Gelman reagiu à medida e protestou publicamente contra ela através de um artigo publicado no diário *Página/12*: “Estão a trocar-me pelos sequestradores dos meus filhos e de outros milhares de rapazes que agora são meus filhos”, escreveu então.

O sequestro e desaparecimento dos seus filhos e a busca da sua neta

A 26 de Agosto de 1976 foram sequestrados os seus filhos Nora Eva, de 19 anos e Marcelo Ariel, de 20, com a sua nora María Claudia Iruetagoiena, de 19 anos, que se encontrava grávida de sete meses. O seu filho e a sua nora desapareceram, com a sua neta nascida em cativeiro. Em 1978 Gelman soube através da Igreja Católica que a sua nora havia dado à luz, sem poder precisar onde nem o sexo da criança.

A 7 de Janeiro de 1990 a Equipa Argentina de Antropologia Forense identificou os restos mortais do seu filho Marcelo, encontrados num rio de San Fernando (Gran Buenos Aires), dentro de um contentor de gordura cheio de cimento. Foi também determinado que havia sido assassinado com um tiro na nuca.

Em 1998 Gelman descobriu que sua nora havia sido enviada para o Uruguai através do Plano Condor, que vinculava as ditaduras sul-americanas e os Estados Unidos, e que havia sido mantida viva pelo menos até dar à luz uma menina no Hospital Militar de Montevideo. Com base nesta informação exigiu a colaboração dos estados argentino e uruguaio na investigação com o fim de encontrar a sua neta. Gelman enfrentou a oposição à investigação por parte do presidente do Uruguai Julio María Sanguinetti, com quem entabulou um debate público, no qual voltou a ser apoiado por destacados intelectuais e artistas como Günter Grass, Joan Manuel Serrat, Darío Fo, José Saramago, Fito Páez. Em 2000, no mês da investidura do novo presidente do Uruguai, Jorge Batlle, a neta de Gelman, de nome Andrea (Andreíta, como Gelman a menciona em vários poemas) foi encontrada e Gelman pôde juntar-

se a ela. Após verificar a sua identidade, a jovem decidiu tomar os apelidos dos seus verdadeiros pais, para se chamar María Macarena Gelman García.

Em 1999 Gelman exigiu publicamente ao Chefe do Exército Argentino, general Martín Balza, a investigação do sequestro e assassinato de seu filho, apresentando-lhe o nome e a documentação sobre o suposto responsável imediato pelo crime, o general Eduardo Rodolfo Cabanillas.

Gelman luta ainda por encontrar os restos mortais de sua nora María Claudia Iruretagoyena.

Recomeço das publicações

Depois de sete anos sem publicar, em 1980 deu a conhecer o livro *Hechos y relaciones*, a que se seguiram *Citas y comentarios* (1982), *Hacia el Sur* (1982) e *Bajo la lluvia ajena (notas al pie de una derrota)* (1983). Seguiram-se *La junta luz* (1985), *Interrupciones II* (1986), *Composiciones* (1986), *Eso* (1986), *Interrupciones I* e *Interrupciones II* (1988), *Anunciaciones* (1988) e *Carta a mi madre* (1989).

Na década de 90 publicou *Salarios del impío* (1993), *La abierta oscuridad* (1993), *Dibaxu* (1994), *Incompletamente* (1997), *Ni el flaco perdón de Dios/Hijos de desaparecidos*, co-autor com sua esposa Mara La Madrid (1997), *Prosa de prensa* (1997) e *Prosa de prensa* (1999).

Na primeira década do século XXI publicou *Tantear la noche* (2000), *Valer la pena* (2001), *País que fue será* (2004), *Oficio ardiente* (2005), *Miradas* (2006) e *Mundar* (2007).

Recebeu vários prémios: "Boris Vian" (1987), Nacional de Poesia argentino (1997), Literatura Latino-americana e do Caribe Juan Rulfo (2000), o Ibero-americano de Poesia "Pablo Neruda" (2005) e o Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana (2005). Em 2007 recebeu o Premio Cervantes, o mais prestigiado da literatura em espanhol.

Actualmente, Juan Gelman vive no México e é colunista do jornal argentino *Página/12*.

Juan Gelman esteve em Portugal, em Maio de 1997, em Mateus (Vila Real), para participar no Seminário de Tradução Colectiva organizado pela Fundação da Casa de Mateus. Nessa ocasião esteve com ele outra grande poeta argentina, entretanto falecida, Olga Orozco. Desse seminário resultou a publicação pela Quetzal Editores, na colecção Poetas em Mateus, do livro de poemas *No Averso do Mundo*, única obra de Gelman, traduzida e publicada em português.